

teatroviriato



© Teresa Pacheco Miranda

20
ABR'24

TEATRO

local

Sala de espetáculos

GUIÃO PARA UM PAÍS POSSÍVEL

DE SARA BARROS LEITÃO

CASSANDRA

100 min. aprox.

m/12 anos

Dramaturgia e encenação

Sara Barros Leitão

Interpretação **João Melo**

e **Margarida Carvalho**

Desenho de luz **Cárin Geada**

Montagem e operação de luz

Luís Ribeiro

Composição musical **Pedro João**

Desenho de som **Mariana Guedelha**

Montagem e operação de som

Pedro Baptista

Figurinos **Cristina Cunha**

Confeção de figurinos **Emília Pontes e**

Domingos Freitas Pereira

Conceção de cenografia

António Quaresma e Susete Rebelo

Execução de cenografia

António Quaresma

Execução dos telões **Beatriz Prada,**

Cristóvão Neto e Nuno Encarnação

Direção de produção

Susana Ferreira

Produção e comunicação

Mariana Dixe

Coordenação da pesquisa

João Mineiro

Apoio à dramaturgia e coordenação do

Parlapatório **Carlos Malvarez**

Interpretação em Língua Gestual

Portuguesa **Joana Sousa**

e **Pedro Oliveira**

Fotografia de cena

Teresa Pacheco Miranda

Produção **Cassandra**

Apoio à residência

CRL - Central Elétrica

Residências **Teatro Municipal Baltazar**

Dias e Teatro Viriato

Residência de estreia

Centro Dramático de Viana

- **Teatro do Noroeste**

Coprodutores **23 milhas,**

Casa das Artes de Famalicão,

Centro Dramático de Viana / Teatro

do Noroeste, Teatrão, Teatro-Cine

de Torres Vedras, Teatro Municipal

Baltazar Dias, Teatro-Cine de Pombal

e **Teatro Viriato**

Projeto financiado por

República Portuguesa - Cultura /

Direção-Geral das Artes e Comissão

Comemorativa 50 anos 25 de Abril

Apoio à criação **Abril é Agora**

Alto patrocínio

Assembleia da República



Espectáculo acessível
com Língua Gestual Portuguesa e Audiodescrição

GUIÃO PARA UM PAÍS POSSÍVEL

No parlamento português, entre as bancadas dos deputados e a tribuna com membros do Governo, existe, exatamente a meio da sala, uma secretária sem nada à volta onde trabalham dois funcionários que têm a missão de transcrever tudo o que ali é dito. Através dos seus dedos, registam-se os discursos, as intervenções, os apartes, as insubordinações e até os gestos, os desmaios e as ações que ajudem a registar o mais fielmente possível à realidade, o que ali se passa. São centenas de milhares de páginas que registam debates, assembleias constituintes, votações, avanços e recuos nos direitos sociais, laborais e humanos.

“Guião Para Um País Possível” é um espetáculo criado a partir destes registos, para contar os últimos cinquenta anos da nossa democracia.

NOTA DE INTENÇÕES — SOBRE TUDO O QUE LHE FALTA

Consigno identificar o dia exacto em que este espectáculo surgiu em mim. Há sempre um momento em que a ideia para um espectáculo começa a tornar-se no próprio espectáculo, mesmo antes de se começar a fazê-lo. E, quando tal acontece, começa a ocupar-nos cada minuto do dia, entra-nos pelo banho, mete-se entre a água de lavar a loiça, interrompe-nos o sono, faz-nos falhar as saídas das rotundas.

Neste caso, foi a 25 de abril de 2022, quando assistia a uma conferência-performativa da atriz e investigadora Mariana Gomes sobre os discursos da extrema-direita. A Mariana passou-nos um discurso de um deputado português para analisarmos. Ao fim de poucas linhas, podia ler-se “Aplausos”. Mais à frente, o discurso era interrompido por uma voz, que diria “Muito bem!”, logo seguida de uma didascália que sugeria “Protestos”.

Foi então que me explicaram que aquele tinha sido um discurso proferido na Assembleia da República Portuguesa, e que o texto que eu tinha nas mãos era uma transcrição fiel e completa do que tinha acontecido, a que se chama Diários da Assembleia da República.

Bem diferente do Diário da República, onde se publicam as leis, os Diários da Assembleia da República registam tudo o que é dito, discutido, gritado, debatido nas sessões plenárias, incluindo os apartes de outros deputados, protestos de bancadas, interrupções de pessoas que assistem das galerias, e ainda breves descrições de ações que possam ser necessárias para se compreender, através daquele texto, o que terá sido determinada sessão. Um copo que se parte, um funcionário que desmaia, um deputado que faz um gesto insultuoso, grupos

parlamentares que abandonam o hemiciclo. Todo este material é registado pelos redatores, que se sentam silenciosamente a meio da sala, e está totalmente disponível a consulta no site da Assembleia da República.

Nessa noite, a 25 de abril de 2022, apercebi-me de que tinha nas mãos um guião de teatro. Tinha personagens, tinha falas, tinha apartes, tinha didascálias, tinha conflito, tinha tudo o que uma boa peça deveria ter. E foi nessa noite que este espectáculo começou a nascer em mim.

Apesar de estas transcrições existirem desde a Monarquia Constitucional - e de estarem também elas disponíveis para ser consultadas - não podia ignorar que dali a dois anos se comemoraria os 50 anos desde o 25 de abril de 1974, que pôs fim a uma ditadura férrea, e que deu à Assembleia da República os poderes que hoje tem, e que tanto precisamos de preservar. Até então, a Assembleia Nacional tinha tão pouca importância que naquele dia inicial inteiro e limpo, esse não foi sequer um dos edifícios a tomar pelos militares. Conta-se que só dois dias depois se terão lembrado de passar por lá, que um militar terá batido à porta, e que os funcionários a terão aberto, gentilmente, e dito: "Há já dois dias que vos esperávamos". Mas como a transcrição desta conversa não consta nos Diários, não posso prometer que foi exactamente assim.

Foi então que decidi que passaria os meses seguintes a ler a maior quantidade de Diários possível, desde o dia 2 de junho de 1975 - data da Sessão Inaugural da Assembleia da República, até aos dias de hoje - e que iria fazer um espetáculo a partir deste material. Queria descobrir como é que se poderia contar uma parte da história da nossa democracia, a partir de um lugar que é, também ele,

uma conquista dessa democracia: uma assembleia plural, representativa, com eleições livres, onde podem estar representados todos os partidos, da esquerda à direita.

Durante o último ano, foram muitas as horas de leitura e de pesquisa. O contributo do João Mineiro, que coordenou esta pesquisa e que se tornou amigo e cúmplice, foi absolutamente inestimável. Durante essa primeira fase de levantamento de material, foram muitas as residências artísticas que fizémos, em várias partes do país, com longas maratonas de leitura e conversas, acompanhados pelo Carlos Malvarez, actor – e muito amigo também - que ia trazendo novas formas de olhar, de ler e de interpretar os textos e os acontecimentos, e pela Susana Ferreira - parceira desta vida –, que para além de produtora que nos assegura todas as condições para que possamos dedicar-nos ao trabalho, tem sempre um olhar atento e a incrível capacidade de acreditar nos projectos antes mesmo de mim própria.

Contrariamente a outros espectáculos meus, desta vez não assino o texto, mas sim a dramaturgia, pois decidi que não queria escrever uma única palavra minha. Dediquei-me a construir um espectáculo usando apenas o que consta nos Diários. Por mais incrível que às vezes possa parecer, nada do que é dito no espectáculo é inventado, e já foi, alguma vez, dito na Assembleia da República. Assim, estas são as primeiras palavras que escrevo sobre este espectáculo, até aqui, tratou-se de um trabalho de retalho, de costura, de corta e cose.

Propus-me colocar cinquenta anos numa hora e quarenta. Trata-se de um jogo de escalas ingrato e impossível. Todos os dias, sou assaltada pela sensação de que tudo lhe falta. Um rápido exercício para identificar tudo o que não tem, levará, certamente, o espectador a perguntar-se, o que será que tem, afinal? Se não,

vejam: não tem a aprovação do Serviço Nacional de Saúde, nem a entrada para a CEE, não tem referência à única Primeira-Ministra, nem à morte de Sá Carneiro. Não tem nenhum dos desastres que marcaram a nossa história: a queda do avião da TAP no Funchal, o grande sismo dos Açores, o acidente de comboio de Alcafache, a queda da ponte de Entre-os-Rios, o aluvião na ilha da Madeira, ou os incêndios de Pedrógão. Não tem as discussões sobre os milhares de retornados que chegavam a Lisboa, nem se assinalam as independências das ex-colónias, não tem a reforma agrária, nem o projeto SAAL, não tem o FMI nem a Coca-Cola a ser permitida em Portugal Continental, não tem as revisões constitucionais nem a privatização da banca, não tem o fim do Conselho da Revolução, ou as discussões sobre a despenalização do aborto. Não tem moções de censura, nem as maiorias absolutas daí resultantes, não tem o incêndio do Chiado, o início da TSF, ou os protestos dos Secos e Molhados. Não tem a doença das vacas loucas, a luta contra propinas, o PER, as auto-estradas, nem a morte de Alcindo Monteiro. Não tem o caso Casa Pia, o roubo de Tancos.

“Guião para um país possível”, tomou a forma possível, encontrou o seu caminho, a sua estética e a sua dramaturgia. A partir deste material, poderiam ser feitos milhares de espectáculos. Este é o nosso.

Enquanto o criávamos, o Primeiro-Ministro demitiu-se, o Governo caiu. Depois de o estrearmos, morreu Odete Santos, o país entrou em campanha eleitoral. Enquanto estávamos em digressão, assistimos a uma reconfiguração da representação dos partidos na Assembleia da República e, ao dia em que escrevo este texto, ainda não sabemos os resultados das eleições nos círculos da Europa e fora da Europa.

Iremos fazê-lo por todo o país durante todo o resto de ano, quem sabe até mais do que isso? Nos próximos dias, será indigitado um novo Governo, que deverá tomar posse, talvez faça um orçamento rectificativo, talvez voltemos a ir para eleições em breve. Sobre isso, nada sabemos.

Este não é um espectáculo-telejornal, não espere ver a realidade como ela é aqui retratada, porque, para isso, já aprendemos que a vida consegue surpreender-nos muito mais do que qualquer ficção, e não competimos com ela. Mas também não é um espectáculo-nostalgia, que viaja para um tempo que só existiu nas nossas memórias, em que tudo nos parecia melhor, mais ordeiro, mais calmo.

Dizem que a democracia não é “apesar de discordarmos”, é precisamente “a possibilidade de discordarmos”. É o diálogo possível entre forças que podem ser tremendamente opostas. É também o espectáculo possível, aquele que conseguimos construir, aquele que, mesmo com tudo o que falta, nos continua a fazer sentido a cada dia que o voltamos a repetir para um novo público.

Porto, 17 de Março de 2024

Sara Barros Leitão

(A autora escreve segundo o antigo acordo ortográfico)



IMPrensa sobre “GUIÃO PARA UM PAÍS POSSÍVEL”:

“Com humor, um olhar factual mas sem falsas neutralidades e, sobretudo, com muitas camadas da história da democracia portuguesa, Sara Barros Leitão mostra-nos como é que se imaginou um país nestes últimos 50 anos, para o bem e para o mal, a partir do trabalho invisível dos redactores e das redactoras (a maioria são mulheres) cuja missão é transcrever tudo o que se diz e acontece nos debates parlamentares, palavra por palavra, gesto por gesto.”

Mariana Duarte, in *Público*, dezembro de 2023

“Vestidos com um fato-macaco à operário, os atores João Melo e Margarida Carvalho desdobram-se na interpretação de deputados e membros do governo de diferentes cores políticas, mudando apenas a casaca. Enquanto movem os púlpitos pelo cenário semelhante a uma folha amarrotada, onde se vislumbra a arquitetura do Parlamento, recorrem a variados estilos teatrais, do *clown* à tragédia, passando até pelo teatro de marionetas.”

Joana Loureiro, in *Revista Visão*, dezembro de 2023



CASSANDRA

Cassandra é uma estrutura artística, fundada em 2020. É também o nome da mulher que Apolo amaldiçoou por ter recusado a sua sedução, tornando-a capaz de prever o futuro sem que ninguém acredite nela.

Resgatada do mito clássico, depois de ver Tróia incendiada, e ver cumprido tudo o que predestinou, chega-nos agora em forma de encorajamento à criação, mesmo sabendo da dificuldade que terá em ser ouvida. Uma característica não muito diferente da de todas as mulheres.

O projeto artístico assenta em dois eixos: a criação original de espetáculos, e projetos multidisciplinares de desenvolvimento de públicos.

O primeiro espetáculo foi “Monólogo De Uma Mulher Chamada Maria Com A Sua Patroa” — estreado em 2021 no Centro Cultural de Belém, Lisboa — escrito, encenado e interpretado por Sara Barros Leitão, que é também a diretora artística desta estrutura artística, e que conta a história do trabalho doméstico

em Portugal, com especial foco na criação do Sindicato do Serviço Doméstico, em 1974. Este espetáculo continua em digressão, tendo passado já por mais de trinta cidades nacionais e internacionais.

Paralelamente, Cassandra organizou uma exposição com os materiais que estiveram na origem desta pesquisa: “Mulheres em luta” — uma exposição sobre o Sindicato do Serviço Doméstico, com a curadoria de Mafalda Araújo e Maria Manuel Rola, que foi exibida na Galeria Geraldês da Silva, no Porto (2022) e na Fábrica das Ideias, Gafanha da Nazaré (2023). Assim como co-organizou um *Encontro Internacional de Trabalho Doméstico, Reprodutivo e Cuidados*, com o Instituto de Sociologia da Universidade do Porto (2022).

Desde 2021, que organiza as *Heróides - clube do livro feminista*, um projeto de leitura, discussão e conversa à volta de livros, com encontros mensais, que junta online centenas de pessoas por mês.

Em 2023 estreia a sua nova criação, “Guião para um país possível”, um espetáculo a partir dos Diários da Assembleia da República desde 1974 até aos dias de hoje.



SARA BARROS LEITÃO

Sara Barros Leitão nasceu no Porto, em 1990. Formou-se em Interpretação pela Academia Contemporânea do Espetáculo, iniciou a licenciatura de Estudos Clássicos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e iniciou o Mestrado Estudos sobre as Mulheres – Género, Cidadania e Desenvolvimento, na Universidade Aberta. Não concluiu nenhum.

É atriz, encenadora e dramaturga e trabalha regularmente em televisão, cinema e teatro.

Nos últimos anos, tem trabalhado frequentemente como atriz nos Teatro Nacional São João, Teatro Nacional D. Maria II (TNDMII), com encenadores como Nuno Carinhas ou Tiago Rodrigues.

Como encenadora e criadora, destacam-se as encenações dos concertos “Trilogia das Barcas” (2018), de Gil Vicente, e “Rei Lear” (2019), de William Shakespeare, coproduzidos pelo CCB e Toy Ensemble; as criações “Teoria das Três Idades”

(2018), coproduzida pelo Teatro Experimental do Porto e Teatro Municipal do Porto, eleito um dos espetáculos do ano pelo Jornal Público, “Todos Os Dias Me Sujo De Coisas Eternas” (2019), a partir de um trabalho de investigação sobre a toponímia portuense, apresentado no projecto Cultura em Expansão, e “Monólogo De Uma Mulher Chamada Maria Com A Sua Patroa” (2020), eleito um dos espetáculos do ano pelo *Jornal Público*, *Melhor Espetáculo da Cidade de Lisboa* pela revista *Time Out*, nomeado para *Melhor Espetáculo nos Globos de Ouro 2022* e nomeado *Melhor Texto Português Representado nos Prémios SPA – Sociedade Portuguesa de Autores*.

Foi a vencedora da primeira edição do *Prémio Revelação do TNDMIII/AGEAS*.

Foi diretora artística convidada do Teatro Oficina. Em 2020, fundou a estrutura artística Cassandra, que dirige, para desenvolver os seus projetos.

VIVACE Dão - Quinta do Perdigão • **ANDANTE** Seridois • **ADÁGIO** Alexandre Aibéo • Ana Cristina Almeida • Ana Maria Albuquerque • Ana Lúcia Peres • Benigno Rodrigues • Centro de Saúde Familiar de Viseu, Lda • Cristina Machado • Eduardo Melo e Ana Cristina Andrade • Fátima Ferreira • Fernando Gomes Morais • Isabel Pais e António Cabral Costa • Isaiás Pinto • Joana Santareno • José Luís Abrantes • Júlia Alves • Júlio da Fonseca Fernandes • Lurdes Poças • Magdalena Rondeboom e Pieter Rondeboom • Marina Bastos • Martin Obrist e Maria João Obrist • Nanja Kroon • Paula Nelas • Paula Costa • Patrícia Mateiro Santos • Pedro Tovar Faro • Ricardo Brazete e Conceição Silva • Rita Brazete • Vox Visio Coral • **JÚNIOR** Carlota Oliveira Marques • Gaspar Gomes • Manuel Meireles • E outros que optaram pelo anonimato.

MECENAS



APOIO À DIVULGAÇÃO



Henrique Amoedo *Direção Artística* • Sandra Correia *Direção Administrativa e Financeira* • Maria João Rochete *Adjunta de Direção* • Carlos Fernandes *Coordenação de Produção* • Gi da Conceição *Produção* • Paulo Matos *Coordenação Técnica* • Nelson Almeida e Filipe Jesus *Técnicos de Palco* • Ana Filipa Rodrigues *Comunicação e Imprensa* • Mafalda Guedes Vaz *Comunicação* • Teresa Vale *Design Gráfico* • Tomás Pereira *Técnico de Vídeo* • Gisélia Antunes *Coordenadora de Frente de Casa e Bilheteira* • Susana Cardoso *Assistente de Bilheteira/Mediação de Público* • **Colaboradores** António Ribeiro de Carvalho *Assuntos Jurídicos* • José António Loureiro *Eletricidade* • Contraponto *Contabilidade* • Splendid Evolution *Informática* • Carlos Fernandes e Raquel Balsa *Fotografia de Espetáculo* • Gi da Conceição *Visitas Guiadas* • Segurança e Vigilância 3XL (Nadine Carlos Martins e José Alberto Dias) • Maria Alice Marques e Teresa Maria Amaral *Limpeza* • **Acolhimento do Público** Carolina Barros, Carolina Pinhão, Diana Silva, Inês Simões, José Vaz, Juan Piñero, Leonor Esteves, Marco Garcia, Mariana Silva, Pedro Aires, Pedro Rodrigues e Rita Afonso

estrutura financiada por:

teatroviriato



entidade
credenciada
e financiada pela:



Próxima atividade



CRUZAMENTO DISCIPLINAR
24 ABR

#PRECÁRIAS

2.º Festival de
Performance

TITA MARAVILHA (BR)
parceria CARMO'81

qua 21h00 | m/ 16 anos

local CARMO'81

SUBSCREVA
A NOSSA NEWSLETTER.
ESTEJA SEMPRE
A PAR DAS NOVIDADES.

📄
FORMULÁRIO